



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

GT1 Africanidades e Brasilidades em Literaturas e Linguísticas

**O NEGRO NO AMBIENTE VIRTUAL: UMA REFLEXÃO
SOBRE OS DISCURSOS RACISTAS**

Annabell Santos Belarmino

Resumo: Os novos meios de comunicação servem a grupos sociais antes marginalizados, logo é notório um aumento significativo da representação negra através de canais de vídeo. No entanto, a possibilidade do anonimato serve a práticas racistas e a constância do assunto expõe a reprodução do preconceito velado. O objetivo do estudo é fazer uma análise acerca de alguns ambientes virtuais que suscitam temas que envolvem o negro a fim de refletir sobre os discursos dos sujeitos que participam dessa discussão.

Palavras-chave: Linguística. Ambiente virtual. Racismo



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Introdução

O Brasil apresenta uma grande miscigenação devido à variedade de povos que participaram do processo de colonização. No entanto, na sociedade, o negro sempre esteve atuando como antagonista e, conseqüentemente, carregando todas as implicações e estereótipos causados pela escravidão e endossados pelos dizeres e símbolos que perpassam na coletividade. A mídia, como palco dessas representações, já foi reprodutor dessas estigmatizações; porém, atualmente, sobretudo em um contexto virtual, caminha-se para outra direção; pois os meios de comunicação têm servido para dar voz a grupos antes marginalizados. Assim, é nítido um aumento significativo dessa representatividade negra, principalmente através de canais do website Youtube. Em contrapartida, a possibilidade do anonimato em ambientes virtuais serve para reprodução de práticas e manifestações racistas; além disso, a constância do assunto, outrora silenciado, expõe a reprodução dos discursos de uma discriminação velada e sutil.

Tendo em vista que a linguagem reflete a realidade social, o objetivo deste estudo é fazer uma análise acerca de alguns ambientes virtuais que servem a discussão de temas que envolvem o negro e refletir sobre os discursos negativos dos sujeitos que recebem essas informações; logo o corpus analisado é oriundo da Web 3.0. Desse modo, este trabalho se configura da seguinte forma: *A priori* serão feitas considerações sobre o site *Youtube* como veículo de democratização, logo após será tratado acerca da forma como o racismo se configura institucionalizado e, por fim, haverá uma reflexão sobre os elementos coletados.

O youtube como veículo de democratização das vozes sociais

Evidentemente, os gêneros textuais estão relacionados a eventos comunicativos, pois é entendido como “entidade que funciona em nossa vida cotidiana ou pública, para nos comunicar e para interagir com as outras pessoas.” (ROJO, 2015, p.16); contudo, com o crescimento das mídias tecnológicas aumentaram-se as formas comunicativas e ampliaram as quantidades de gêneros digitais. Diante



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILDIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

disso, Rojo (2015) destaca que a variedade de gêneros digitais ampliou devido à expansão da esfera/campo que produz diversas possibilidades de gêneros.

Pode-se afirmar que web se tornou muito mais interativa na medida em que se ampliaram as possibilidades de, cada vez mais, os usuários tornarem-se produtores. Dentre as formas de comunicação advindas da Web 3.0, destaca-se um website de compartilhamento de vídeos em formato digital – o Youtube – que possibilita carregar, assistir e compartilhar vídeos. Nesse veículo há também um espaço de interação a partir de ferramentas que possibilitam responder ao conteúdo postado, por meio de comentários ou curtidas. A fácil acessibilidade desse espaço virtual resulta na democratização de diversas vozes, pensamentos e os mais variados conteúdos. A política de segurança constitui regra básica de manutenção, sobretudo na vedação de conteúdo violento, sexual e de incitação ao ódio contra indivíduos ou grupos - raça ou origem étnica, religião, deficiência, gênero, faixa etária, situação militar e orientação sexual. (SUPPORT.GOOGLE, 2016) Portanto, é perceptível uma preocupação dos gerenciadores da Web 3.0 de não compactuar e impedir que esses discursos de ódios se ampliem, tendo em vista a facilidade de acesso e de reprodução de conteúdos por meio do site.

O racismo velado e a mídia como palco dessa representação

É perceptível como a mídia se configura como uma instituição fundamental na construção e na reprodução do consenso social. Sobre esse aspecto, Charaudeau (2012) expõe que a informação constrói o saber e o saber não tem natureza, já que é resultado de uma construção humana da atividade comunicativa sobre um olhar subjetivo do sujeito em relação ao mundo.

A reflexão de van Dijk (2008) sobre como os falantes produzem e interpretam textos, é determinada por meio da junção entre estruturas sociais e discursivas denominada como contexto sociocognitivo, que é a representação social que os participantes do discurso fazem da situação de comunicação. Logo, de acordo com van Dijk (2014), os modelos mentais são representações de experiências e lembranças que povoam a memória das pessoas. Dessa forma, quando um



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

participante do discurso interpreta um texto, há um conjunto de conhecimentos prévios cristalizados em sua mente, funcionando como uma interface entre as estruturas sociais e discursivas.

Ampliando a noção acerca de crenças e saberes, percebe-se que dentro de uma sociedade existem comportamentos que estão relativamente associados a uma construção histórico-social que permitem viabilizá-los ou não. Nessa perspectiva, Foucault (1996) apresenta a hipótese de que os discursos considerados permitidos e normalizados dentro da sociedade os são devido ao que é constituído como aceitável ou não, e não simplesmente por pertencerem ao campo da verdade. Charaudeau (2012) alerta que as verdades e crenças estão intrinsecamente relacionadas ao imaginário de cada sociedade.

No que tange às questões relativas ao racismo no Brasil, é possível estabelecê-las como um conjunto de saberes e crenças que se formam e, por vezes, se cristalizam a partir de construções histórico-sociais relacionados aos grupos que outrora foram escravizados. Na medida em que os negros foram conquistando seus direitos, não houve um distanciamento dos modelos mentais já construídos acerca desse grupo. Nesse aspecto, Van Dijk (2014, p.19-20) reforça que

nossos discursos e outras ações sociais são, portanto, baseados em modelos mentais (planos etc.) que são informados por ideologias e atitudes socialmente compartilhadas. Temos, assim, um círculo vicioso e vemos como o discurso está crucialmente envolvido na reprodução do racismo, em geral, e na formação de ideologias racistas subjacentes, em particular.

De fato, as representações negativas em relação aos afrodescendentes estavam impregnadas nas relações sociais e mesmo após a abolição, surgiram novas estigmas e facetas que denegriam a imagem desse grupo. Além desses fatores, não houve de imediato nenhuma política ou ação afirmativa que inserissem dignamente os negros na sociedade, assim foram obrigados a migrar para locais a margem da coletividade e trabalhar em condições precárias. Nesse contexto, a imagem dos afrodescendentes ficou associada às representações negativas, por



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

pertencerem majoritariamente a classes subalternas, carregarem a estigmatização de escravos, terem a estética ridicularizada e cultura demonizada e, conseqüentemente, serem tratados como uma “raça” inferior. Esses modelos mentais foram perpetuados e ainda reforçados por instituições sociais tais quais; a mídia, que por anos descartou o negro dentro de sua organização; a escola, que se eximiu de ensinar sobre a história da África e o próprio Estado, que ignorou e negligenciou seus direitos básicos.

A partir dessa observação histórico-social, evidencia-se como essas representações sempre estiveram refletidas no discurso de grande parte da sociedade, influenciando e condicionando as atividades humanas na forma do preconceito de cor.

As pessoas aprendem a ser racistas com seus pais, seus pares (que também aprendem com seus pais), na escola, com a comunicação de massa, do mesmo modo que com a observação diária e a interação nas sociedades multiétnicas. Esse processo de aprendizagem é amplamente discursivo, isto é, baseado na conversação e no contar de histórias diárias, nos livros, na literatura, no cinema, nos artigos de jornal, nos programas de TV, nos estudos científicos, entre outros. (VAN DIJK, 2014, p.15)

Esse parecer do autor auxilia na compreensão do surgimento dos modelos mentais que se revela nas atividades discursivas baseadas nas diferentes instituições sociais; porém o racismo, exposto por meio das estruturas discursivas, é considerado subjetivo e por isso, muitas vezes, negligenciado e negado na sociedade. É notório que com o passar do tempo os discursos explicitamente racistas foram reprovados pela sociedade brasileira, entretanto as crenças relativas à cor continuaram a ser perpetuadas, restando uma forma branda e implícita – o racismo velado.

Na atual conjuntura social, em que há leis que criminalizam o racismo e ações afirmativas que amenizam a desvantagem do negro na sociedade, fomenta-se um debate público sobre essas questões e, conseqüentemente, manifesta-se a existência de um discurso que tenta deslegitimar esse grupo social. Assim, é



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

perceptível que os argumentos construídos para desqualificar essas políticas públicas são, sobretudo, reflexos de modelos mentais que ainda não foram desassociados das crenças e saberes construídos e perpetuados em uma determinada comunidade. Esse processo de deslegitimação do discurso ocorre, principalmente, através da negação das fatalidades e preconceitos sofridos por um determinado grupo. Guimarães (1995) reforça a complexidade em tratar sobre a temática de discriminação por cor, uma vez que se manifesta de maneira subjacente e disfarçada. Posto isso, é perceptível um discurso generalizante com vistas a desconstruir a luta do negro contra o racismo.

Análise do *corpus*

Na constituição do *corpus* foi utilizado um canal do website Youtube que permite tanto a reflexão da pauta antirracismo, como de uma clara oposição a esse discurso; assim sendo, o foco será dado aos comentários feitos a partir do vídeo, e não propriamente ao conteúdo publicado no canal.

O canal Neggata conta com cerca de 10 mil inscritos, o vídeo escolhido foi um documentário chamado “Ah, Branco! Dá um tempo!”, com mais de 15 mil visualizações e postado em 15 de novembro de 2015. O vídeo apresenta uma sequência de depoimentos sobre a visão de estudantes negros, da Universidade de Brasília, que cotidianamente lidam com uma Universidade considerada – conforme o documentário - elitista e racista. A reação dos usuários ocorre por meio de uma ferramenta que permite classificar como “gostei” e “não gostei”, outra forma de avaliação acontece via comentário. Pra análise foram selecionados 15 comentários de usuários que fizeram uma avaliação contrária ao conteúdo do documentário.

A fim de facilitar a investigação, as críticas foram dispostas de acordo com certo padrão de análise percebido no decorrer da coleta. Os primeiros comentários a ser avaliados, ocupam-se de invalidar a autenticidade e o discurso de um movimento que expõe as dificuldades de estudantes negros em um ambiente definido como racista e elitista. Foram selecionados 12 observações com esse mesmo padrão de argumentação:



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILEIRIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**



Figura 1. Comentário do canal.

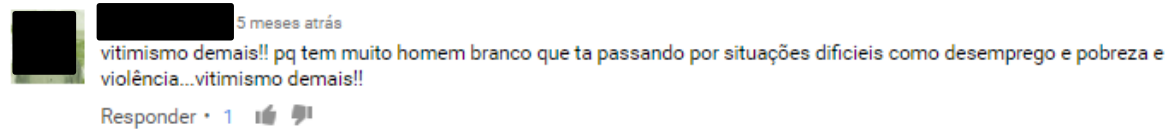


Figura 2. Comentário do canal.

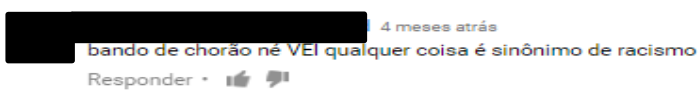


Figura 3. Comentário do canal.

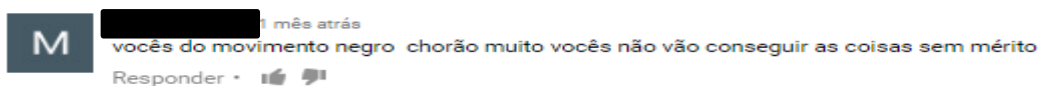


Figura 4. Comentário do canal.

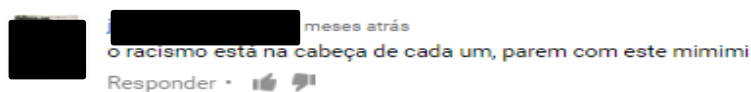


Figura 5. Comentário do canal.

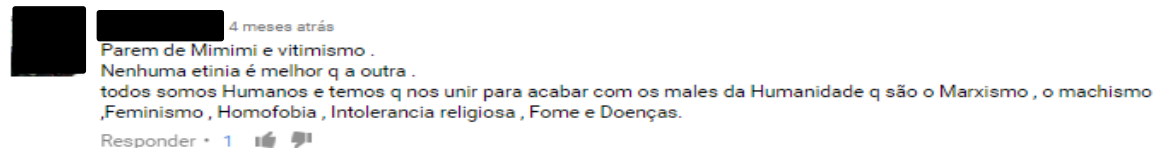


Figura 6. Comentário do canal.

É possível observar que no nível linguístico, portar-se de expressões como “mimimi”, “vitimismo” e “chorão” compõem um discurso que nega as mazelas advindas de mais de 300 anos de escravidão. Aliado a isso, alguns usuários se apropriam de argumentos que revelam que os brancos também precisam se esforçar, já que nem todos são ricos e não possuem cotas raciais (figuras 2, 7, 9). Outra forma usada para deslegitimar o discurso dos afrodescendentes, é apontar o racismo inverso, conforme figuras 8, 9, 10 e 12. Há outros comentários com críticas ao Movimento negro (figura 4 e 11) e outro que, intencionalmente ou não, denigre a cultura negra, mostrando desconhecimento geral sobre os africanos (figura 8) da atualidade.



III CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA 29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016 UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO




 **Jose Eduardo** 3 meses atrás
+luana odeio os negros por calsa do "coitadinho do negro, vamos dar cotas a eles e os brancos que estudaram FODAM-SE"
Responder ·  

Figura 7. Comentário do canal.




 [Redacted] 4 meses atrás
O negro melhorou de vida com a vinda para as américas apesar de tudo, senão estaria na África vivendo em tribos e morando em cavernas. Segundo Olavo de Carvalho o negro americano tem o melhor nível de vida da história dos negros.
E cuidado, existe o racismo contra negros, mas também o contra brancos. Não vamos aceitar nenhum tipo de agressão.
Responder ·  

Figura 8. Comentário do canal.


 [Redacted] 10 meses atrás
aaa claro todo branco nasce rico nadando em luxo nao precisam estudar nem trabalhar apanhar na escola de imigrantes muçulmanos e negros por ser diferentes deles ótimo isso nao e racismo chamar algem de polaco azedo alemao pharmlat chucrut amarelae nao e racismo apanha de cinco meninos negros por apenas nao querer dividir o lanche ou algo assim nao e racismo otimo se afoguem na sua própria ipocrisia como ja disse todo branco nasce rico nao precisa de esmolos do governo neh
..

Figura 6. Comentário do canal.




 [Redacted] [Redacted] meses atrás
um nego pode chamar uma pessoa "de pele branca" e o branco não pode chamar o negro de nego
WTF toma [Redacted]
Responder ·  

Figura 7. Comentário do canal.




 [Redacted] 1 semana atrás (editado)
Movimento Negro é um Lixo! #NãomeRepresenta
Responder ·  

Figura 11. Comentário do canal.




 [Redacted] 9 meses atrás
ah negro da um tempo. tenta ser branco pobre e vai tentar entrar nas cotas. só social e ainda tem negro para concorrer com voce. negro ainda tem racial.
tenta ser branco e sair de cabeça raspada ns rua. tem muita sorte se escapar vivo.
Responder ·  

Figura 8. Comentário do canal.

O posicionamento dos demais usuários que fizeram avaliações negativas, mesmo que em menor número, utilizam abordagens depreciativas e com discurso de ódio, contendo vocabulário que evidenciam o racismo explícito, tais quais: “macaco”, “morre”, “lixosos”, e “extermínio”. Essas expressões explicitamente racistas são estabelecidas no Brasil como criminosas.




 [Redacted] [Redacted] semana atrás
a verdade é que vocês são macacos de cabelo duro
Responder · 1  
Ocultar respostas ^

Figura 13. Comentário do canal.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

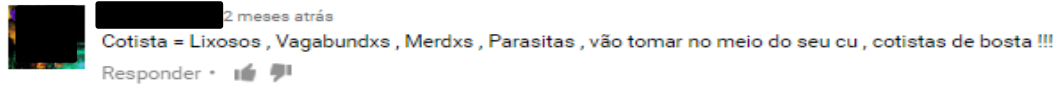


Figura 14. Comentário do canal.

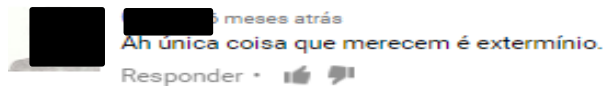


Figura 159. Comentário do canal.

Especificamente nesses últimos casos, nenhum dos usuários possui identificação completa com nome e foto, sendo três usuários com perfis representados como “fake” e um que caracterizava um perfil pessoal, porém sem foto. Dentro dessa mesma análise, verifica-se que os comentários de 1 a 12 são considerados aceitáveis e não-racistas na sociedade atual, logo a maioria utilizou perfis pessoais e com fotos, já que não seriam caracterizados como injúria racial com esse padrão de discurso. Sobre os comentários explicitamente racistas foi possível observar que esses indivíduos se aproveitam do anonimato das redes para manifestação de ódio e da depreciação da estética, da cultura e do próprio público negro.

A insistência em negar o racismo ou minimizar sua ocorrência está relacionada a outros discursos e ações que ao longo do tempo foi incorporado em grande parte da sociedade. Vale lembrar, que o Brasil é conhecido como o país da miscigenação e da democracia racial (GUIMARÃES, 1995) e ao longo de anos vendeu-se a ideia de que no país os casos de preconceito por cor são isolados e ocorrem de maneira muito branda. De fato, no Brasil não houve manifestações de grandes confrontos, nem segregação racial explícita assim como ocorreu na África do Sul. Razões como essas sustentam argumentos que defendem que no Brasil o processo de inclusão do negro, na sociedade pós-abolicionista, ocorreu de forma cordial. Contudo, esse processo ocorreu de forma subordinada, sem a mínima intenção de favorecimento dos afrodescendentes; tendo em vista que a finalidade era somente propagar um discurso de um povo integrado e mestiço.

O discurso da negação do racismo, de que ele se manifesta em casos isolados e de forma branda foram construídos e sustentados e, torna-se uma crença quando



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

apoiado e difundida por diversas organizações sociais. No que tange aos modelos mentais (VAN DIJK, 2008), pode-se considerar que no plano discursivo e social, as instituições, por anos, colaboraram na propagação do preconceito de cor, condicionando os sujeitos a comportamentos preconceituosos, assim como o revelado no *corpus*.

Considerações finais:

Com base nas abordagens teóricas e do que foi possível compreender com a análise do *corpus*, destacam-se alguns esclarecimentos acerca das práticas de preconceito de cor em ambiente virtuais. No geral, foi constatado no *corpus* manifestações de indignação, preconceito e ódio revelados pelas escolhas linguísticas dos usuários.

A análise auxilia na constatação de que os sujeitos se apropriam de argumentos que funcionam, de alguma forma, para tirar a autenticidade das ocorrências da discriminação por cor. Esses argumentos revelam uma necessidade de um certo público negar o racismo e demonstrar que as oportunidades e vivências são as mesmas, logo há igualdade em todos os aspectos. Outra evidência que se destacou, mas em menor escala, foram as declarações de racismo explícito, já criminalizado pelas instituições, mas que prosseguem em uso por alguns sujeitos que desfrutam do anonimato.

Em suma, considera-se que o debate público sobre a temática negra é imprescindível para influenciar na desconstrução dos saberes e crenças acerca do negro, assim como dos modelos mentais já estereotipados. Também é importante para provocar um pensamento mais crítico em relação às atitudes racistas incorporadas na sociedade e que sempre se mostram naturais. E por fim, a discussão auxilia também na derrubada da crença de que o Brasil é o país da democracia racial e com ausência da discriminação por cor.

Referências bibliográficas

CANAL NEGGATA. Disponível em: <<https://youtube.com>>. Acesso em: 5 de outubro de 2016.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2012.

DIJK, T. A. **Discurso e Poder**. São Paulo: Contexto, 2008.

Introdução. In: _____, T. A. (Org.) **Racismo e discurso na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2014.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de Grance, pronunciado em 2 de dezembro de 1970. Leituras Filosóficas. São Paulo: Editora Loyola, 1996.

GOOGLE.Support. Disponível em: <<https://support.google.com>>. Acesso em: 15 de outubro de 2016.

GUIMARÃES, A. S. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. Novos Estudos Cebrap, n. 43, p. 26-44, nov. 1995.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2009.

ROJO, R; BARBOSA, J.P. **Hipermodernidade, Multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola, 2015.